

## OBITUÁRIO

# José Mariano Gago (1948-2015), por José Manuel Sobral

---

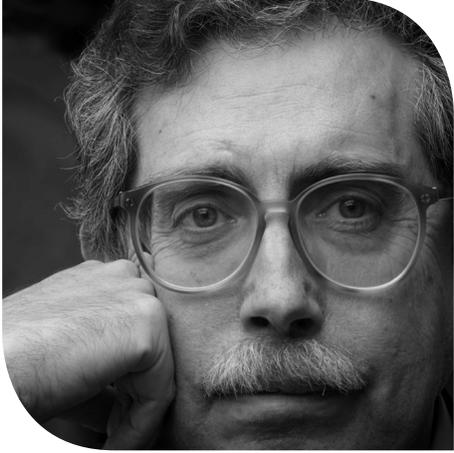
*Análise Social*, 215, I (2.º), 2015

ISSN ONLINE 2182-2999

---

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9  
1600-189 Lisboa Portugal — [analise.social@ics.ul.pt](mailto:analise.social@ics.ul.pt)



© Luísa Ferreira



## OBITUÁRIO

### José Mariano Gago (1948-2015)

**J**osé Mariano Gago foi uma figura excepcional no campo científico português contemporâneo. Tendo-se licenciado em Engenharia Eletrotécnica pelo Instituto Superior Técnico, viria a enveredar por uma carreira científica iniciada com o seu doutoramento em Física pela Faculdade de Ciências da Universidade Paris, em 1976. Aí foi bolseiro do Instituto de Alta Cultura no Laboratório de Física Nuclear e de Altas Energias da Escola Politécnica, tendo posteriormente usufruído de uma bolsa que lhe permitiu trabalhar na Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear (CERN) entre 1976 e 1978. Mais tarde, veio a promover a integração de Portugal nessa instituição. À data do seu falecimento era professor catedrático do Instituto Superior Técnico e presidente do Laboratório de Instrumentação e Física de Partículas de Lisboa (LIP Lisboa).

Mariano Gago torna-se uma figura pública à medida que vai desenrolando a sua ação em prol do desenvolvimento da ciência em Portugal, tarefa a que dedicou grande parte da sua vida. Começa por ser presidente da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, em 1986, dando um grande impulso às suas atividades, vindo a exercer cargos governamentais por um largo período de tempo. Foi ministro da Ciência e Tecnologia entre 1995 e 2002 – nos XIII e XIV Governos Constitucionais – e ministro da Ciência, da Tecnologia e do Ensino Superior no XVII e no XVIII Governos Constitucionais, de 2005 a 2011.

Os seus mandatos caracterizaram-se por um empenho constante na promoção científica em Portugal. Criaram-se ou ampliaram-se laboratórios

e centros de investigação, desenvolveu-se um sistema de bolsas que permitiu, em poucos anos, garantir a formação de um amplo contingente de doutorados que assegurasse não só a sua sustentabilidade, como a sua melhoria constante, promoveu-se a internacionalização, regulou-se a monitorização e avaliação da atividade científica e institucionalizou-se a sua divulgação através de iniciativas como a *Ciência Viva*, Agência Nacional para a Cultura Científica em Portugal. Nada ficou como dantes no campo da ciência em Portugal.

A biografia de José Mariano Gago fornece-nos pistas importantes para compreendermos as suas opções, que o levaram a dar um lugar tão importante à ação política, sempre norteada pelas intervenções em prol da ciência. As suas palavras, vertidas em entrevistas como as publicadas neste número da *Análise Social* e em outro anterior, oferecem-nos as suas reflexões sobre o sentido que imprimiu à sua atuação institucional.<sup>1</sup> Tal como o faria um cientista social, insere o indivíduo Mariano Gago no contexto histórico da sua formação. Este é o do tempo português dos últimos anos do Estado Novo, em que o estudante, nascido numa família antifascista, se transforma num opositor do Estado Novo. Como tantos, a sua formação assenta num conjunto de aprendizados em que o que se passa na família e na escola se liga ao aprendido em outras redes sociais, como a dos grupos de pares ou a imprensa, onde se partilham afinidades literárias, cinematográficas, se faz teatro, tudo atividades rigorosamente vigiadas sob o regime ditatorial.

O movimento estudantil constituía então um espaço para o convívio entre estudantes, para o debate, e para o confronto. A impermeabilidade do regime fazia dos mais pequenos conflitos – como os existentes em torno do vestuário feminino – questões maiores. A regulação excessiva, e obsessiva, dos mais diversos aspetos da vida, acabará por nutrir a contestação. Todavia, os estudantes não viviam numa redoma, insensíveis ao que se passava no país. Mesmo com pouca informação sobre a sua sociedade, a experiência de vida proporcionava-lhes um contacto com a pobreza e as dificuldades com que se confrontavam as classes trabalhadoras, como as que haviam emigrado do campo para Lisboa em décadas recentes, e só podiam sobreviver em habitações precárias como as destruídas pelas cheias de novembro de 1967. Mariano Gago viu de perto a sua situação, como outros estudantes que o acompanharam no socorro às populações atingidas.

Mas a sua formação e a dos seus contemporâneos não foi apenas afetada por realidades exclusivamente portuguesas. Mau grado a censura informativa

1 V. “Entrevista a José Mariano Gago por João de Pina-Cabral. *Análise Social*, 200, XLVI (3.º), 2011, pp. 388-413 e “José Mariano Gago, estudante e dirigente associativo. Entrevista a José Mariano Gago, por Luísa Tiago de Oliveira”. *Análise Social*, 215, I (2.º), pp. 407-442.

e as dificuldades oferecidas à mobilidade, mesmo na Europa, então ainda separada pelo controlo exercido nas fronteiras nacionais, Portugal não escapava às dinâmicas mundiais mais amplas. Se, para o campesinato pobre e a classe trabalhadora portuguesa, estas envolviam a emigração em massa para os centros europeus, para os estudantes, relativamente privilegiados, elas traduziam-se na possibilidade de circular, nomeadamente ao abrigo do turismo estudantil, ou de adquirirem livros, jornais, revistas, ou vestuário – como os *jeans*, que refere –, ouvirem música e informarem-se sobre os acontecimentos do momento, marcado pelo protagonismo dos movimentos sociais juvenis. Esta participação em processos à escala global marcava já um adeus sem retorno ao Portugal fechado, nacionalista, colonial e autoritário de então.

Mariano Gago será presidente da Associação dos Estudantes do Ensino Superior Técnico, a mais importante do país, a par da Associação Académica de Coimbra. Era uma instituição muito poderosa, à imagem da elite que ali se queria formar, e um lugar de dissidência política. Se a frequência do IST lhe permite identificar as carências da instituição em matéria de investigação – e o Técnico era uma escola de vanguarda no ambiente académico da época –, a direção da associação e os contactos internacionais que esta lhe proporciona serão para ele elementos decisivos na deteção da inferioridade portuguesa em matéria científica, contra a qual se bateu ao longo de décadas, convicto de que a ciência era um fator decisivo no combate às assimetrias existentes entre o seu país e a Europa desenvolvida.

Esta foi a causa maior da vida pública de José Mariano Gago. A de uma luta empenhada pelo desenvolvimento científico em Portugal, em que incluiu o das ciências sociais, que haviam sido ostracizadas pelo Estado Novo por conduzirem à reflexão crítica sobre o modo como o mundo social está construído, abrindo o caminho para a sua transformação. Quem não viveu de perto o movimento estudantil de final dos anos 60 não poderá recordar a palavra inteligente e o sorriso irónico com que o dirigente associativo do Técnico animava as discussões acaloradas das RIAs (Reuniões Interassociações). Mas todos recordaremos, sem dúvida, o homem que, ao investir na ciência, investiu no futuro de um país melhor.

---

SOBRAL, J. M. (2015), *Obituário* “José Mariano Gago (1948-2015)”. *Análise Social*, 215, 1 (2.º), pp. 463-465.